

Vem da Áustria a incrível exposição sobre a vida e costumes dos índios

Joséllia Costandrade

Uma das mais importantes coleções europeias sobre a vida e os costumes dos índios brasileiros está representada na mostra "Natterer - um naturalista austríaco na Amazônia", aberta pelo embaixador da Áustria e pelo Reitor da UnB, no dia 21, na Biblioteca Central da UnB e como parte das comemorações do milenário austríaco.

Composta por 120 fotografias coloridas e fac-similes de documentos, a exposição, que vai até o dia 6 de novembro, é um relatório visual das dez viagens empreendidas pelo naturalista Johannes Natterer, entre 1817 e 1835, quando coletou cerca de dois mil objetos referentes à vida e costumes dos nossos indígenas; os originais estão expostos no Museu de Etnologia de Viena. O historiador e professor da UnB, Victor Leonardi, é o responsável pela vinda dos objetos recolhidos por Natterer

no Brasil.

Por intermédio das fotografias podem ser apreciados os objetos confeccionados com madeira, plumas, barro, juntamente com outros materiais, expressando o poder criativo das tribos indígenas pesquisadas e pelo naturalista austríaco, que coleteria mais de 205 espécies de mamíferos brasileiros, bem como 73 novas espécies, entre as quais, macacos e aves, todos na Amazônia.

Do ponto de vista plástico, os objetos transcritos pelas fotografias representam uma concepção especial no que se refere ao conceito de "Arte indígena". De um modo geral utilitário, eles contêm as impressões estéticas de povos ditos "primitivos" e que fazem uma ligação muito forte com os ornatos da Arte Grega, especialmente nas faixas decorativas, onde realizam o propósito de um geometrismo extremamente sofisticado. Justamente nos vasos

de cerâmicas, os formatos assumem proporções aprimoradas ao lado das cores originárias de pigmentos minerais e vegetais utilizados nas pinturas. Esses encontros entre uma tradição clássica e a produção de povos da floresta amazônica ainda estão por ser estudados profundamente, do ponto de vista da própria História da Arte.

Johannes Natterer - Personalidade riquíssima, Johannes Natterer nasceu em 9 de novembro de 1787, em Laxemburgo

Natterer realizou dez viagens pelo País e recolheu milhares de objetos exemplares de animais e minerais

perto de Viena, e revelou desde cedo seu interesse pela História Natural, realizando estudos e trabalhos que lhe valeriam ser designado, em 1817, membro da expedição destinada a acompanhar a princesa Leopoldina (então, noiva de D. Pedro I) ao Brasil e com a missão de "investigar" o País, no que se referia à História Natural. A expedição da princesa Leopoldina consistia ainda de vários estudiosos, dois pintores, Ender e Buchberger, um jardineiro e um caçador imperiais.

Durante os 18 anos que residiu no Brasil, Natterer efetuou 10 viagens, sendo a primeira, a partir de outubro de 1818 até março de 1820, quando percorreu a Ilha Grande e parte da então província de São Paulo; daí então, seguiram-se as expedições a São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro, Mato Grosso, descendo os rios Guaporé e madeira e chegando em 1830 ao rio Negro.

Na décima viagem, Natterer chegou ao Pará, depois de co-

nhecer Rio Branco, após vicissitudes, febres, a morte do companheiro de expedições, o caçador imperial Sochor (que foi atacado pela malária). No dia 13 de agosto de 1836, o naturalista aportava em Londres, juntamente com sua filha nascida de mãe brasileira, no Pará, despachando para Viena um acervo digno de todos os sofrimentos pelos quais passou em suas viagens.

Quando a coleção chegou à capital austríaca, o Museu de Viena ganhou importância ainda não conhecida anteriormente. Afinal, ali estavam 430 espécimes de minerais, 1.729 vidros com helmintos, 1.024 exemplares de moluscos, 499 exemplares de crustáceos, 32.825 exemplares de insetos, juntando-se milhares de sementes, madeiras, aves, anfíbios, peixes, mamíferos, moedas e nada menos que 1.492 objetos etnográficos: vestimentas, instrumentos, armas de índios sul-americanos, ao lado de 60 glossários a eles referentes.

